

Em seus passos o que faria Jesus?

Em seus passos o que faria Jesus?

CHARLES M. SHELDON

Traduzido por Robinson Malkomes



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2023 por Editora Mundo Cristão

Os textos bíblicos foram extraídos da *Almeida Revista e Atualizada* (ARA), da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S548e

Sheldon, Charles M., 1857-1946

Em seus passos o que faria Jesus? / Charles M. Sheldon ; tradução Robinson Malkomes. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2023.

288 p. ; 21cm.

Tradução de: In His steps
ISBN 978-65-5988-240-3

1. Ficção cristã. 2. Ficção americana. I. Malkomes, Robinson. II. Título.

23-85373

CDD: 813

CDU: 82-97(73):27

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Edição
Equipe MC

Revisão
Theófilo Vieira

Produção
Felipe Marques

Diagramação
Marina Timm

Capa
Rafael Brum

Colaboração
Ana Luiza Ferreira
Daniel Faria

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Literatura

1ª edição: janeiro de 2008

1ª edição (nova capa): outubro de 2023

Capítulo 1



*Porquanto para isto mesmo fostes chamados,
pois que também Cristo sofreu em vosso lugar,
deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos.*

Era uma manhã de sexta-feira, e o rev. Henry Maxwell tentava concluir o sermão para o domingo cedo. Ele já havia sofrido várias interrupções e estava ficando irritado à medida que a manhã ia passando; chegar a uma conclusão satisfatória para o sermão era um processo que parecia se arrastar.

— Mary — disse ele à esposa enquanto subia as escadas depois da última interrupção — se chegar mais alguém, gostaria que você dissesse que estou muito ocupado e não posso descer, a não ser que se trate de algo muito importante.

— Claro, Henry. Mas estou dando uma saída até o jardim de infância, e você vai ficar sozinho em casa.

O ministro voltou para o gabinete e fechou a porta. Depois de alguns minutos, ouviu a esposa que saía, e tudo ficou em silêncio. Suspirando aliviado, acomodou-se em sua escrivaninha e começou a escrever. O texto que ia servir de base era 1Pedro 2:21: “Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos”.

Na primeira parte do sermão ele tinha dado destaque à Expição como sacrifício pessoal, frisando o fato de Jesus haver sofrido de diferentes modos, tanto em vida quanto na morte. Em seguida, continuou destacando a Expição sob a

perspectiva do exemplo, apresentando ilustrações tiradas da vida e dos ensinamentos de Jesus, para demonstrar como a fé em Cristo ajudava a salvar as pessoas, em face do modelo que Jesus apresentou para ser imitado. Ele agora estava no terceiro e último ponto, a necessidade de seguir Jesus em seu sacrifício e exemplo.

Já havia escrito “Três passos. Quais são eles?”. Ia agora colocá-los em ordem lógica, mas ouviu o toque estridente da campainha. Era uma daquelas campainhas que tocavam como se fosse um carrilhão, dando doze badaladas de uma só vez.

Henry Maxwell sentou-se na beirada da cadeira com a fisionomia de quem não havia gostado daquilo. Não mexeu um só dedo para atender à campainha. Mas logo ela tocou de novo; então se levantou e andou até uma das janelas de onde podia avistar a porta da frente. Havia um homem de pé na escada. Era jovem e estava malvestido.

“Parece que é um andarilho”, disse o ministro. “Acho que vou ter de descer e...” Sem terminar a frase, desceu as escadas e abriu a porta da rua. Enquanto um olhava para o outro houve um breve momento de silêncio, mas então o jovem de aparência miserável disse:

— Senhor, estou desempregado e pensei que talvez pudesse me ajudar a conseguir alguma coisa.

— Não sei de nada no momento. Há muita falta de emprego — respondeu o ministro, enquanto ia fechando a porta devagar.

— Eu não sabia, mas talvez o senhor pudesse me encaminhar para trabalhar na estrada de ferro, ou me indicar para alguém da oficina de trens, ou qualquer outra coisa — prosseguiu o jovem enquanto passava o seu chapéu surrado de uma mão para outra num claro sinal de nervosismo.

— Não iria adiantar. Desculpe-me, mas estou muito ocupado agora de manhã. Espero que você encontre alguma coisa.

Lamento não poder lhe dar nada para fazer aqui. Crio apenas um cavalo e uma vaca, e eu mesmo dou conta do trabalho.

O rev. Henry Maxwell fechou a porta e ainda pôde ouvir o rapaz que descia a escada. Enquanto voltava para seu gabinete, enxergou da janela do corredor o jovem, que seguia devagar pela rua, ainda segurando o chapéu com as mãos. Havia algo naquela figura abatida, sem-teto e desamparada, e o ministro hesitou um momento enquanto olhava para aquilo. Então voltou para a escrivaninha e, dando um suspiro, começou a escrever de onde havia parado. E não foi mais interrompido. Quando sua esposa chegou duas horas depois, o sermão estava pronto, e as folhas de papel haviam sido juntadas, organizadas e colocadas sobre a Bíblia, prontas para o culto do domingo cedo.

— Henry, aconteceu uma coisa estranha hoje de manhã no jardim de infância — disse a esposa enquanto os dois jantavam. — Fui com a sra. Brown visitar a escola e, logo depois das brincadeiras, enquanto as crianças estavam nas mesas, a porta se abriu e entrou um moço com um chapéu sujo nas mãos. Ele sentou-se junto à porta e não abriu a boca; ficou ali olhando para as crianças. Era evidente que se tratava de um andarilho. No começo, a srta. Wren e sua secretária, srta. Kyle, ficaram um pouco assustadas, mas ele ficou ali, sentado e bem quieto. Depois de alguns minutos foi embora.

— Quem sabe ele estivesse cansado e quisesse descansar em algum lugar. Acho que era a mesma pessoa que passou por aqui. Você disse que parecia um andarilho?

— É, ele parecia um andarilho, estava sujo e malvestido. Eu diria que ele não tinha mais que 30 ou 33 anos.

— É a mesma pessoa — disse pensativo o rev. Henry Maxwell.

— Você terminou o sermão, Henry? — perguntou a esposa depois de uma pausa.

— Terminei, já está pronto. Foi uma semana muito cheia para mim. Os dois sermões me deram muito trabalho.

— Espero que no domingo muita gente goste deles — respondeu a esposa com um sorriso. — Qual o assunto da pregação na parte da manhã?

— O assunto é seguir Cristo. Vou analisar a Expição sob as perspectivas do sacrifício e do exemplo. Em seguida, vou apresentar os passos necessários para seguir Jesus em seu sacrifício e exemplo.

— Tenho certeza de que é um bom sermão. Espero que não chova no domingo. Ultimamente os domingos têm sido de chuva forte.

— É verdade, já faz algum tempo que o número de pessoas é pequeno. Ninguém vai à igreja no meio de uma tempestade.

O rev. Henry Maxwell suspirou enquanto dizia isso. Estava se lembrando do trabalho cuidadoso e árduo que era preparar sermões para grandes plateias, que acabavam não comparecendo.

Mas no domingo cedo raiou sobre a cidade de Raymond um daqueles dias perfeitos que às vezes surgem depois de longos períodos de vento, chuva e lama. O dia estava limpo, estimulante, e o céu não se mostrava nem um pouco ameaçador. Todos os membros da paróquia do sr. Maxwell estavam prontos para ir à igreja. Quando o culto começou, às onze horas, o edifício, que era grande, estava tomado por uma plateia formada por pessoas bem vestidas e de ótima aparência, gente de prestígio na cidade de Raymond.

A Primeira Igreja de Raymond investia pesado na programação musical, e naquela manhã o quarteto foi motivo de grande prazer para a igreja toda. O hino foi inspirador. Toda a parte musical ia ao encontro do assunto do sermão. O hino declarava: “Jesus, tomei minha cruz, deixei tudo p’ra te seguir”.

Logo antes do sermão, uma moça com voz de soprano fez um solo cujas palavras declaravam: “Aonde quer que seja com Jesus irei, com Jesus irei”.

Rachel Winslow estava muito bonita naquela manhã e posicionou-se atrás de um gradil de carvalho esculpido em que se destacavam os símbolos da cruz e da coroa. A beleza de sua voz superava a de seu rosto, o que conferia a todo o cenário um significado ainda maior. Quando ela se levantou, percebeu-se um murmurinho causado pela expectativa das pessoas. Todo satisfeito, o sr. Maxwell sentou-se atrás do púlpito. A música que Rachel Winslow trazia sempre o ajudava. Normalmente ele incluía uma música especial antes do sermão, e isso tinha um efeito inspirador que deixava a pregação ainda mais impressionante.

As pessoas comentavam entre si que nunca tinham ouvido um solo como aquele, até mesmo na Primeira Igreja. Com certeza, se o ambiente não fosse de culto, seu solo teria arrancado aplausos. Quando ela voltou ao seu lugar para sentar-se, o pastor chegou até a pensar ter ouvido uma manifestação das pessoas, algo como um aplauso ou pés batendo no chão. Ao se levantar, porém, colocou seu sermão sobre a Bíblia e pensou consigo mesmo que havia se enganado. É claro que algo assim não poderia acontecer. Em poucos minutos ele estava inteiramente envolvido com o sermão, e todas as outras coisas foram postas de lado diante do prazer que sua pregação proporcionava.

Ninguém jamais havia acusado Henry Maxwell de ser um pregador chato. Pelo contrário, várias vezes lhe atribuíram o rótulo de sensacionalista, não pelo que ele dizia, mas pela forma como dizia. Mas os membros da Primeira Igreja gostavam disso, pois tinham um pastor e pregador que se distinguia de modo simpático e agradável.

Também era verdade que o pastor da Primeira Igreja adorava pregar. Ele raramente entregava o púlpito a outra pessoa.

Mostrava-se ansioso para estar ali a cada domingo. Aquela meia hora era de prazer para ele, quando ficava de frente para uma igreja cheia de pessoas que estavam ali para ouvi-lo. As variações no número de presentes representavam alguma dificuldade para ele. Suas pregações diante de um público pequeno nunca eram muito boas. Com certeza, o clima também mexia com ele. A situação em que se via agora, diante de um público daqueles e numa manhã tão linda, era tudo de que precisava. Sentia-se tomado por uma onda de satisfação à medida que prosseguia. Aquela igreja era a primeira da cidade. Tinha o melhor conjunto coral. Seus membros eram pessoas de destaque, representantes da riqueza e da cultura da sociedade de Raymond. Ele estava para tirar três meses de férias de verão, durante os quais faria uma viagem para o exterior; as circunstâncias do seu pastorado; sua influência e posição como pastor da Primeira Igreja na cidade...

Era difícil entender como o rev. Henry Maxwell tinha tantos pensamentos junto com o sermão, mas, ao se aproximar do fim, ele tinha consciência de que, em algum momento de sua pregação, tinha abrigado aqueles sentimentos. Eles haviam entrado e chegado ao nível consciente do raciocínio; era possível que isso tivesse acontecido durante apenas alguns segundos. Mas ele tinha consciência de que havia definido sua posição e suas emoções, como se fosse num solilóquio; e a sua pregação foi afetada por essa emoção marcada por profunda realização pessoal.

O sermão foi interessante, pontuado por declarações de impacto. Se impressas, teriam também demandado atenção. Proferidas com toda a emoção de um discurso dramático, que demonstrava o bom gosto de não ofender com clamores bombásticos nem declamando impropérios, elas eram muito eficazes. Se naquela manhã o rev. Henry Maxwell sentiu-se satisfeito com as condições do seu pastorado, a Primeira Igreja também experimentou sensações semelhantes, ao se

congratular por aquela figura que ocupava o púlpito, pessoa sofisticada, erudita e de fisionomia impressionante. Ali estava ele, pregando com grande entusiasmo e isento de maneirismos vulgares, barulhentos ou desagradáveis.

De repente, no meio dessa perfeita harmonia entre o público e o pregador, aconteceu uma interrupção bastante incomum. Seria muito difícil avaliar a extensão do choque que ela provocou. Foi algo tão inesperado, tão contrário a qualquer pensamento dos presentes, que não houve espaço para argumentos nem tempo para resistência.

O sermão havia chegado ao fim. O sr. Maxwell havia acabado de fechar a Bíblia, colocando no meio dela as folhas com o texto do sermão, e estava para se sentar, enquanto o quarteto se preparava para levantar-se e cantar a música de encerramento: “Tudo por Jesus, tudo por Jesus, todo o meu ser foi liberto do pecado...”. Nesse exato momento, toda a congregação espantou-se com a voz de um homem. Ela vinha da parte de trás do templo, de algum assento debaixo da galeria. Em seguida, a figura de um homem saiu da penumbra e veio caminhando pelo corredor central. Antes que a congregação atônita conseguisse ao menos entender o que estava acontecendo, o homem já havia chegado ao espaço em frente ao púlpito. Então virou-se para as pessoas.

“Desde que entrei aqui estou pensando”, foram essas suas palavras ainda debaixo da galeria, e ele as repetiu, “se seria apropriado dizer algumas palavras no encerramento do culto. Não estou bêbado, não sou louco e sou completamente inofensivo, mas se eu morrer, como parece que vai acontecer dentro de poucos dias, quero ter a satisfação de pensar que disse o que precisava ser dito num lugar como este, diante de um grande número de pessoas”.

O sr. Maxwell não se havia sentado ainda; continuava em pé, inclinado sobre o púlpito, olhando para aquele estranho lá embaixo. Era o mesmo homem que havia batido na

sua porta na sexta-feira, o mesmo moço sujo e vestido com roupas surradas. E segurava seu chapéu desbotado com as duas mãos. Parecia ser um hábito. Não havia feito a barba, e os cabelos estavam despenteados e embaraçados. Não dava para acreditar que alguém assim estivesse dentro do santuário, dirigindo a palavra à Primeira Igreja. Os membros conheciam e toleravam esse tipo de situação humana nas ruas, no comércio junto à estrada de ferro, circulando para cima e para baixo pela avenida, mas nem sequer podiam sonhar que um incidente assim pudesse acontecer tão perto deles.

Não havia nada de ofensivo no jeito ou no tom de voz do rapaz. Ele não estava agitado e falou num volume baixo, mas marcante. O sr. Maxwell, apesar de estar ali perplexo e sem palavras, sabia que de certa forma a atitude daquele moço fez que se lembrasse do que ele tinha visto uma vez durante o sono: um rapaz andando e falando.

Ninguém no recinto fez menção de deter o rapaz nem de interrompê-lo. Talvez o choque inicial causado por sua aparição repentina houvesse se transformado em perplexidade sincera a respeito do que era melhor fazer naquele caso. Fosse o que fosse, ele prosseguiu como se não esperasse ser interrompido e sem se preocupar com aquele elemento estranho que havia introduzido no decoro do culto da Primeira Igreja.

Durante todo o tempo em que esteve falando, o pastor ficou debruçado sobre o púlpito, e a cada instante sua fisionomia ficava mais triste e pálida. Mas não mexeu um dedo sequer para interrompê-lo, e a congregação permaneceu sentada, golpeada por um silêncio de tirar o fôlego. Havia outro rosto, o da corista Rachel Winslow, que olhava fixamente para baixo, na direção daquela figura malvestida com o chapéu desbotado. A fisionomia da moça era sempre impressionante. Mas debaixo da pressão de um incidente tão

inusitado, ela tinha uma característica bem pessoal, como se seu rosto estivesse numa moldura em chamas.

“Eu não sou um mendigo como os outros, embora não conheça nenhum ensino de Jesus que torne um tipo de mendigo menos digno de salvação do que outro. Alguém conhece?” A pergunta foi feita com naturalidade, como se toda a congregação fosse uma pequena classe de estudo bíblico. Então fez uma pequena pausa e tossiu como se tivesse dor. E continuou:

“Faz dez meses que perdi meu emprego. Sou impressor por profissão. As novas máquinas de linotipo são belos produtos da tecnologia, mas conheço seis homens que se suicidaram em um ano por causa dessas máquinas. É lógico que não estou culpando os jornais por comprarem essas máquinas. No entanto, o que se pode fazer? Só sei que nunca aprendi outro ofício; é tudo o que sei fazer. Perambulei por todo o país tentando achar alguma coisa. Há muita gente que se encontra nessa mesma situação. Não estou reclamando, estou? Só apresentando fatos. Mas, sentado ali debaixo da galeria, eu estava pensando se o que vocês chamam de seguir Jesus é a mesma coisa que Jesus tinha em mente. O que ele quis dizer quando falou: ‘Segue-me!’? O pastor disse”, e nessa hora ele se virou e olhou para o púlpito, “que é necessário que o discípulo de Jesus siga seus passos, e acrescentou que os passos são ‘obediência, fé, amor e imitação’. Mas eu não o vi lhes dizer o que isso significa, principalmente o último passo. O que vocês, cristãos, querem dizer com seguir os passos de Jesus?

“Perambulei por toda esta cidade três dias tentando achar um emprego e durante esse tempo nunca recebi uma palavra de simpatia ou de conforto, com exceção do pastor de vocês, que disse que lamentava por mim e esperava que eu encontrasse emprego em algum lugar. Imagino que isso

se deva à exploração que vocês sofrem dos profissionais da mendicância, e chega uma hora em que se perde o interesse por todos os mendigos. Não estou acusando ninguém, estou? Só apresentando fatos. É claro, eu compreendo que vocês não podem deixar seus afazeres e sair procurando emprego para alguém como eu. Não estou pedindo que façam isso; mas o que me intriga é: o que significa seguir Jesus? O que vocês querem dizer quando cantam. ‘Aonde quer que seja com Jesus irei, com Jesus irei’? Vocês estão dizendo que sofrem, negando-se a si mesmos e tentando salvar a humanidade perdida e sofrida, à semelhança do que Jesus fez? O que vocês querem dizer com isso?

Eu enxergo muita coisa da realidade nua e crua. Sei que nesta cidade há mais de quinhentos homens na mesma situação que a minha. A maioria deles tem família. Minha mulher morreu faz quatro meses. Acho bom que ela esteja livre disso tudo. Minha filhinha está com a família de um impressor até que eu encontre um trabalho. Fico intrigado quando vejo tantos cristãos vivendo no luxo e cantando ‘Jesus, tomei minha cruz, deixei todo o resto p’ra te seguir’, e lembro-me de como minha mulher morreu num cortiço na cidade de Nova York, tentando desesperadamente respirar e pedindo a Deus que também levasse sua menina. É claro que não espero que vocês impeçam que todos morram de fome, de desnutrição ou de falta de ar num cortiço, mas o que significa seguir Jesus? Sei que os cristãos são proprietários de um bom número de cortiços. Um membro de igreja era o dono do cortiço onde minha esposa morreu, e eu fiquei me perguntando se seguir Jesus por onde quer que seja era uma declaração verídica no caso dele.

“Outra noite, ouvi umas pessoas cantando numa reunião de oração de uma igreja: ‘Tudo por Jesus, tudo por Jesus, todo o meu ser foi liberto do pecado, tudo o que penso,

tudo o que faço, todos os meus dias, todas as minhas horas', e fiquei imaginando, sentado nos degraus do lado de fora, o que queriam dizer com essas palavras. Parece-me que existe uma quantidade medonha de problemas no mundo, problemas que não existiriam se as pessoas que cantam essas músicas também as colocassem em prática. Acho que não consigo entender. Mas o que faria Jesus? É isso o que vocês querem dizer quando falam em seguir seus passos?

“Às vezes tenho a impressão de que as pessoas nas igrejas grandes têm boas roupas e moram em casas bonitas, têm dinheiro para gastar com coisas supérfluas, podem sair de férias no verão etc., ao passo que as pessoas que estão fora das igrejas, e estou falando de milhares de pessoas, morrem em cortiços, andam pelas ruas procurando emprego, jamais terão um piano ou um quadro na parede de casa e envelhecem no meio da miséria, do álcool e do pecado.”

De repente, atordoado, o moço bambeou o corpo em direção à mesa da ceia e apoiou-se sobre ela com a mão suja. Seu chapéu caiu sobre o carpete a seus pés. As pessoas ficaram tomadas por uma comoção geral. O dr. West levantou-se um pouco do banco, mas assim mesmo o silêncio não foi quebrado por nenhuma voz nem movimento perceptível na plateia. O moço passou a outra mão sobre os olhos e, então, sem que se esperasse, desabou por terra com o rosto no chão, de frente para o corredor. Henry Maxwell então falou: “O culto está encerrado”.

Desceu a escada do púlpito e, antes de qualquer outra pessoa, ajoelhou-se ao lado do corpo prostrado. As pessoas levantaram-se de imediato, e os corredores ficaram lotados. O dr. West informou que o moço estava vivo. Havia desmaiado. “Algum problema de coração”, murmurou o médico, ajudando a carregá-lo para o gabinete pastoral.

Capítulo 2



Henry Maxwell e alguns membros da igreja permaneceram mais um tempo no gabinete. O moço estava deitado sobre um sofá e respirava com dificuldade. Quando surgiu a pergunta sobre o que fazer com ele, o pastor insistiu em levar o rapaz para sua casa; ele morava ali perto e tinha um quarto sobrando. Rachel Winslow disse: “Minha mãe está sem companhia no momento. Tenho certeza de que para nós seria bom oferecer-lhe um lugar conosco”.

Ela parecia bem agitada. Ninguém percebeu isso com clareza. Estavam todos emocionados por causa do estranho acontecimento, o mais estranho que os membros da Primeira Igreja podiam recordar. Mas o pastor insistiu em se responsabilizar pelo rapaz e, quando chegou o transporte, o moço, que estava inconsciente, porém vivo, foi levado para a casa do pastor. Com a entrada do rapaz no quarto de hóspedes do pastor, começava um novo capítulo na vida de Henry Maxwell; mesmo assim, ninguém, muito menos ele, ao menos sonhava com a incrível mudança que ocorreria em sua definição de discipulado cristão.

Esse acontecimento criou uma grande movimentação entre os membros da Primeira Igreja. Durante uma semana inteira as pessoas não falaram de outra coisa. A impressão geral era que o rapaz havia perambulado até entrar no templo com um quadro de perturbação mental causada por seus problemas e que durante todo o tempo em que falou estava delirando de febre e sem consciência das coisas ao

seu redor. Era essa a avaliação mais condescendente que se fazia da atitude do rapaz. Todos também concordavam que não havia traços de amargura nem de queixa no que o moço havia falado. Todo o seu discurso fora feito num tom calmo e argumentativo, quase como se ele fosse um membro da igreja procurando entender uma questão muito complexa.

Três dias depois de ter sido levado para a casa do pastor, houve uma sensível mudança na sua condição. O médico falou sobre ela, mas não deu esperanças. No sábado de manhã, ele ainda se mantinha com vida, embora tivesse piorado rapidamente, à medida que o fim de semana se aproximava. Na madrugada de domingo, antes que o relógio marcasse uma hora da manhã, ele recobrou um pouco as forças e perguntou se sua filha havia chegado. O pastor havia mandado buscá-la assim que localizou o endereço em algumas cartas encontradas no bolso do rapaz. Depois do desmaio na igreja, foram poucos os momentos em que esteve consciente e conseguiu falar com lucidez.

— A menina está a caminho. Ela vai chegar — disse o pastor Maxwell, sentado a seu lado e com o rosto marcado pela semana de vigília, pois havia insistido em ficar ali sentado todas as noites.

— Eu não me encontrarei mais com ela neste mundo — sussurrou o moço. Então, com muita dificuldade proferiu as seguintes palavras:

— Vocês foram bons comigo. De certa forma pude sentir que é isso que Jesus também teria feito.

Passados alguns minutos, o rapaz inclinou levemente a cabeça para o lado e, antes que o pastor Maxwell pudesse se dar conta do que havia acontecido, o médico disse baixinho: — Ele faleceu.

Amanhã de domingo estava raiando sobre a cidade de Raymond. Era exatamente como a manhã do domingo anterior.

O pastor Maxwell subiu ao púlpito e ficou de frente para um dos maiores públicos que já haviam lotado a Primeira Igreja. Ele tinha o cansaço estampado no rosto, como se tivesse acabado de sair de um longo período de enfermidade. Sua esposa ficara em casa com a menina, que havia chegado com o trem da manhã, uma hora depois da morte de seu pai. Ele estava ali no quarto de hóspedes, seus problemas haviam acabado, e o pastor pôde ver o seu rosto ao abrir a Bíblia, enquanto arrumava vários papéis com anotações que estavam sobre o púlpito, hábito que ele cultivava havia dez anos.

Naquela manhã, o culto teve um novo elemento. Ninguém conseguia se lembrar de algum domingo em que Henry Maxwell tivesse pregado sem suas anotações. A bem da verdade, ele havia pregado sem notas logo que entrara para o ministério, mas fazia muito tempo que ele escrevia todas as palavras de seu sermão da manhã e quase todas as suas mensagens da noite também. Não dava para dizer que o sermão daquela manhã havia sido contundente ou impressionante. Ele pregou com uma boa dose de hesitação. Estava claro que havia algum pensamento que ele queria expor, mas não se encaixava no assunto que havia escolhido para o sermão daquela manhã. Foi quase no fim da pregação que ele começou a reunir as forças que lhe faltaram no início.

Então fechou a Bíblia, saiu de trás do púlpito, olhou para a congregação e começou a falar sobre a cena impressionante da semana anterior.

“O nosso irmão”, de certa forma essas palavras pareciam um pouco estranhas vindas da sua boca, “faleceu esta manhã. Ainda não tive tempo para me inteirar de tudo. Ele tem uma irmã que mora em Chicago. Escrevi para ela, mas ainda não recebi resposta. Sua filhinha está conosco e vai ficar durante algum tempo”.

Então fez uma pausa e passou os olhos pela congregação. E pensou que nunca tinha visto tantos rostos tão solenes e atentos em todo o seu tempo de pastorado. Ele ainda não estava em condições de lhes falar de suas experiências nem do momento crítico pelo qual estava passando. Mas um pouco do sentimento que ele trazia no coração acabou passando dele para o público. De forma alguma lhe parecia que agiria por impulso se continuasse e lhes transmitisse um pouco da mensagem que ele agora abrigava no coração. Então, prosseguiu.

“As palavras e a aparência daquele desconhecido aqui na igreja no domingo passado exerceram um profundo impacto sobre mim. Não posso ocultar de vocês nem de mim o fato de que as coisas que ele disse, seguidas que foram por sua morte dentro de minha casa, levaram-me a questionar, como nunca antes, ‘o que significa seguir Jesus?’. Tampouco estou em condições de condenar as pessoas ou, até certo ponto, condenar a mim mesmo, seja em nosso relacionamento como cristãos com aquele rapaz, seja com o número de pessoas que ele representa em todo o mundo. Mas nada disso impede que eu sinta que muito do que ele disse é tão vital e verdadeiro, que precisamos encarar tudo isso e oferecer uma resposta, ou do contrário estaremos condenados como discípulos de Cristo. Grande parte do que foi falado aqui no domingo passado tinha a natureza de um desafio para o cristianismo visto e vivenciado em nossas igrejas. Desde então, tenho sentido isso de forma cada vez mais palpável.

“E acho que o melhor momento para mim é agora, momento de propor um plano, ou um propósito, algo que está tomando corpo em minha mente, uma resposta satisfatória para muito do que foi dito aqui no domingo passado”.

Henry Maxwell fez uma nova pausa e olhou para o rosto de toda aquela gente. Havia homens e mulheres sérios e influentes na Primeira Igreja.

Ele podia ver Edward Norman, proprietário do jornal *Diário de Notícias* de Raymond. Fazia dez anos que ele era membro da Primeira Igreja. Era um homem de grande honra na cidade.

Ali estava Alexander Powers, um típico ferroviário, superintendente da grande oficina de manutenção de trens de Raymond, alguém que parecia ter isso no sangue. Ali também se encontrava Donald Marsh, diretor do Lincoln College, situado nos arredores de Raymond. Milton Wright, um dos grandes comerciantes de Raymond, com pelo menos uma centena de homens trabalhando para ele em várias lojas, também estava presente. O dr. West, embora relativamente jovem, era tido como autoridade em cirurgias especiais. Encontrava-se também o jovem Jasper Chase, autor que havia escrito um livro de sucesso e aparentemente estava trabalhando em um novo livro. Ali se achava a sra. Virginia Page, a herdeira, que, com o falecimento recente do pai, tinha herdado no mínimo um milhão de dólares, pessoa dotada de atrativos pessoais e intelectuais incomuns. E não menos importante, ali estava também Rachel Winslow, em seu lugar no conjunto coral, irradiando naquela manhã uma luz de beleza peculiar, de tão interessada que estava em todo aquele quadro.

Em vista de tais elementos na Primeira Igreja, havia razão para que Henry Maxwell se sentisse satisfeito sempre que pensava em sua paróquia como fizera no domingo anterior. Havia um grande número de indivíduos influentes que eram membros daquela igreja. Mas naquela manhã, ao observar aqueles rostos, ele tentava imaginar quantos deles abraçariam a estranha proposta que ele estava prestes a fazer. Ele prosseguiu devagar, dando-se tempo para escolher as palavras com cuidado, deixando para as pessoas uma impressão que elas nunca tinham tido, mesmo nos melhores momentos de pregação dele.